

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO  
BIOTECNOLOGIA

João Vitor Galdino de Barcellos

*SOBREVIVENDO NO INFERNO*: O impacto cultural na periferia dos Racionais MC's na década  
de 90

Rio de Janeiro

2024

João Vitor Galdino de Barcellos

*SOBREVIVENDO NO INFERNO: O impacto cultural na periferia dos Racionais MC's na década de 1990*

Projeto de Monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Biotecnologia.

Orientador(a): Flavio Paixão

Coorientador(a): Danielle da Silva Leal

Rio de Janeiro

2024

## **AGRADECIMENTOS**

A realização deste trabalho não seria possível sem o apoio, orientação e incentivo de muitas pessoas que, de diversas formas, contribuíram para que esta etapa fosse concluída.

Agradeço, primeiramente, aos meus orientadores, Flavio Marcolino Paixão, Danielle da Silva Leal e Wallace Lopes pelo compromisso, paciência e pelas valiosas contribuições durante todo o processo. Suas orientações foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho e para meu crescimento acadêmico e pessoal.

Aos meus amigos, Gabriel Falcão, Maria Eduarda Martins, Kauan Medeiros, Kauan Ribeiro, João Pedro Galdino, Diogo Amauri, Victor Henrique pela companhia nas horas de estudo, pelas palavras de encorajamento e pelas risadas que tornaram os momentos desafiadores mais leves. Vocês foram uma fonte constante de motivação e amizade.

Aos meus familiares, especialmente Rosane Galdino, Anderson Barcellos, Antônio Galdino, Maria da Penha Galdino, Merceis Justina, Samuel Barcellos, Osmar Galdino, Ellen Matos, Barbará Galdino, Regiane Galdino, Maria Luiza, Railton Galdino, Dinací Vieira, Kauê Azevedo, Bernadete da Silva, Caulo Vardiero, Anderson Vardiero, Braulio Vardiero, Daniel Galdino, Éloa Barcellos, Ana Beatriz Barcellos Anderson Miguel, Victoria Matos, Iracema Matos por acreditarem em mim, mesmo quando eu duvidava. A força, compreensão e apoio de vocês foram indispensáveis para que eu pudesse chegar até aqui. Este trabalho é uma conquista compartilhada.

*Epígrafe*  
*Humanidade é má, e*  
*até Jesus chorou*  
*(RACIONAIS MC'S)*

## RESUMO

Este projeto tem como objetivo analisar as faixas do disco *Sobrevivendo no Inferno* (1997) da banda Racionais MC's, evidenciando a problemática racial no processo de consciência no letramento dos jovens de periferia. Dessa forma, nossa metodologia focará no levantamento bibliográfico e na análise de letras selecionadas do álbum em questão. Diante disso, colocaremos a seguinte questão: como o grupo impacta culturalmente a juventude periférica. Assim, o projeto pretende fazer uma análise do letramento racial sobre a obra apontada. Utilizaremos fontes como Google Acadêmico, Scielo Brasil e fontes de entrevistas com os membros do grupo em meios de comunicação.

Palavras-chave: Racionais MC's. Racismo estrutural. Letramento racial. Intelectual ôrganico.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	05
1.1. OBJETIVOS .....	07
1.1.1. OBJETIVO GERAL.....	07
1.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	07
<b>2. METODOLOGIA</b> .....	07
<b>3. CAPÍTULO 01</b> .....	10
<b>4. CAPÍTULO 02</b> .....	18
<b>5. CONCLUSÃO</b> .....	26
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	27

## 1. INTRODUÇÃO

De que maneira as letras e os temas abordados no álbum *Sobrevivendo no Inferno* (1997) do grupo Racionais MC's refletem a realidade social e cultural do Brasil na periferia à época de seu lançamento? Qual a problemática que retrata o texto político desses jovens periféricos na questão racial? Assim, o tema encontrado terá como questão o disco mencionado e situando o grupo Racionais MC's enquanto intelectuais orgânicos, ou seja, figuras que emergem da própria classe subalterna, como articuladores dos interesses e vozes de sua comunidade, segundo o filósofo Gramsci.

Gramsci alega que, em qualquer sociedade, a classe dominante busca preservar as suas heranças e hegemonias, não apenas pela força, mas também pelo consentimento, ou seja, influenciando o modo como as pessoas pensam e interpretam o mundo. Os intelectuais orgânicos têm, então, uma função substancial nesse processo, pois auxiliam a conceber uma visão de mundo que legitima e justifica a posição da classe dominante.

Entretanto, uma classe subordinada, como o proletariado também pode desenvolver seus próprios intelectuais orgânicos, que desafiam a hegemonia da classe dominante. Esses intelectuais são figuras importantes para promover a conscientização das injustiças e o desenvolvimento de uma identidade de classe, articulando as necessidades e os desejos dessa classe. Os Racionais como intelectuais orgânicos “afeta a identidade e consciência política das comunidades marginalizadas no Brasil”. (PIRES, Guilherme & ANDREONI, Daniel. 2024, P2)

Os Racionais MC's assumem esse papel, ao traduzirem em sua arte, as vivências e resistências dos moradores das periferias, articulando uma linguagem e um discurso combativo contra o racismo estrutural e as desigualdades produzidas pela sociedade capitalista. Nesse sentido, o álbum *Sobrevivendo no Inferno* produz uma consciência racial na juventude preta brasileira de periferia. A questão central desse disco revela a experiência do lugar onde Mano Brown e seu grupo retratam um país demarcado pela violência social e desigualdades de classe e raça, apresentando um cenário da cultura de massa embranquecida. Desta maneira, o disco se divide em onze faixas que trazem um repertório musical que se descrevem:

- 1) **Faixa 1- Jorge da Capadócia:** nessa obra, os Racionais fazem uma referência a São Jorge e o Dragão, simbolizando a árdua realidade nas periferias como o dragão que

retrata o sistema. Contudo, destacam que com perseverança, é possível emergir o amor;

- 2) **Faixa 2-** *Gênese*: explora-se aqui uma antítese entre a sublime criação divina e as ações prejudiciais dos seres humanos, argumentando que as escolhas dos indivíduos têm causado danos ao mundo formado por Deus diante da criação humana;
- 3) **Faixa 3-** *Capítulo 4 Versículo 3*: retrata a vida e a turbulência da vivência impossível no gueto do jovem periférico marcado por opressão;
- 4) **Faixa 4-** *Tô ouvindo alguém me chamar*: aqui, os Racionais MC's abordam as dificuldades da vida nas periferias urbanas, destacando a violência, a desigualdade social e a busca por algo além dessas adversidades impostas por uma sociedade racialmente definida. A expressão sugere um anseio por mudança, refletindo a realidade e aspirações da comunidade marginalizada;
- 5) **Faixa 5-** *Rapaz comum*: os Racionais fazem uma abordagem de uma narrativa linear que busca destacar questões mais abrangentes, explorando a realidade da violência nas periferias de São Paulo e o alarmante quadro de homicídios entre jovens negros. Esses jovens emergem como as principais vítimas de armas de fogo, conforme indicam as estatísticas oficiais no contexto brasileiro;
- 6) **Faixa 6-** *Diário de um detento*: os MCs fazem alusão ao massacre do Carandiru ocorrido em 1992, quando a grande mídia tentava omitir o ocorrido silenciando o discurso autêntico dos sobreviventes. Os Racionais, nessa música, expõem abertamente esse evento histórico do ocorrido;
- 7) **Faixa 7-** *Periferia É Periferia*: nessa obra, os MC's falaram sobre a possibilidade real de expressa-se, ter influência e impactar muitos outros indivíduos negros e de baixa renda em diversas regiões do país;
- 8) **Faixa 8-** *Qual mentira vou acreditar*: os Racionais deixam de lado a violência retratada em outras músicas, transmitindo a ideia de que mesmo diante dos desafios no gueto há momentos de diversão na “quebrada”;
- 9) **Faixa 9-** *Mágico de Oz*: na canção, é explorada a luta de um jovem envolvido com drogas, que busca a salvação norteadada pela fé, nessas faixas subsequentes, o jovem da periferia percebe a falta de alternativas para sua vida, recorrendo a algo mágico, e, nesse contexto, a magia se manifesta através das drogas;

- 10) **Faixa 10-** *Fórmula mágica da paz*: na composição, Edi Rock junto com Mano Brown reflete sobre os questionamentos em sua vida dando uma dimensão filosófica. É a primeira vez que surge a confissão do desejo de deixar a favela neste trabalho do quarteto, embora a temática do cotidiano problemático da comunidade seja recorrente;
- 11) **Faixa 11-** *Salve*: Brown reconhece os seus parceiros de periferia e faz referências as favelas visando dar voz as mesmas. Portanto, trataremos ao longo do percurso de nos aprofundarmos em uma análise interpretativa e poética desta obra utilizando as ferramentas da politécnica no combate as diversas faces do racismo.

Apesar do álbum *Sobrevivendo no Inferno* contar com 11 faixas, o foco deste trabalho será em três músicas específicas do que melhor sintetizam o discurso racial, social e cultural que está presente nas letras: *Capítulo 4 Versículo 3*, *Diário de um Detento*. Essas canções abordam, de maneira contundente, temas como a violência policial, a criminalização da juventude negra e a segregação social das periferias. Além dessas, também será analisada a música *Negro Drama*, do álbum *Nada como um Dia Após o Outro Dia (2002)*, que complementa essa análise, ao explorar, de forma ainda mais intensa, as vivências e o sofrimento histórico da população negra no Brasil. A escolha dessas faixas se justifica pela profundidade com que retratam o racismo estrutural e as desigualdades sociais que afetam diretamente as periferias brasileiras, reforçando a importância dos Racionais MC's como intelectuais orgânicos, vozes da resistência e o letramento racial. As letras do álbum tornam-se ferramentas de conscientização sobre o racismo e as desigualdades sociais, inspirando os alunos da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio a enfrentar adversidades com resiliência e fortalecer seu senso crítico e identidade.

O impacto cultural do álbum *Sobrevivendo no Inferno*, dos Racionais MC's, na periferia é de extrema relevância na trajetória de um jovem preto periférico na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Tendo em vista os temas sociais e literários da obra, que contribuem tanto para uma caminhada acadêmica quanto para uma jornada pessoal, o álbum extrapola o conceito de simples produção musical, configurando-se como um manifesto cultural autêntico. Este trabalho se consolida como um marco na formação da identidade e na construção do senso crítico dos jovens periféricos. Na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, essa influência é ainda mais evidente, pois o álbum inspira e fortalece estudantes a enfrentarem as dificuldades impostas por

um sistema desigual, ao mesmo tempo em que ecoa sentimentos de resistência e pertencimento. Dessa forma, o disco torna-se um recurso não apenas artístico, mas também educacional e emocional, capaz de guiar trajetórias acadêmicas e de vida.

No entanto, esse álbum icônico do grupo Racionais MC 's transcende o conceito de música tradicional, pois aborda questões sociais, econômicas e raciais profundamente conectadas às realidades das comunidades periféricas. Por outro lado, a originalidade do álbum, aliada às inspirações que ele oferece à atual geração de rappers e MCs, enriquece o letramento racial. Nesse sentido, a escolha do tema revela uma análise aprofundada das letras e não apenas evidenciaria as nuances das experiências vivenciadas, mas também exploraria como essas narrativas moldam a cultura local. Portanto, ao examinar as reações da sociedade ao álbum, seria possível compreender melhor como a música pode servir como ferramenta de expressão e conscientização, empoderando e amplificando as vozes das periferias.

## 1.1. OBJETIVOS

### 1.1.1. OBJETIVO GERAL

O objetivo é analisar as faixas escolhidas, tendo como elemento norteador o letramento racial como ferramenta política dos jovens periféricos no Brasil, visando a consciência da luta coletiva contra o racismo estrutural.

### 1.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1) Apresentar o impacto cultural dos Racionais MC's na sociedade periférica brasileira na década de 90;
- 2) Evidenciar a consciência racial dos Racionais MC's e das faixas musicais escolhidas, na formação da juventude periférica.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia que será utilizada é a pesquisa qualitativa que será composta no primeiro momento na escuta e análise do disco *Sobrevivendo no Inferno* (1997), evidenciando o processo de entendimento estético da crítica racial da elaboração da estrutura do texto. No segundo momento, será a investigação da letra e sua composição entendendo o contexto histórico da década de 1990 e o impacto desse disco na formação da juventude periférica. Já no terceiro momento, iremos articular o levantamento bibliográfico com o percurso do debate do texto musical compreendendo o papel dos Racionais MC's enquanto intelectuais orgânicos.

## Capítulo 1: A Marginalização das Periferias Urbanas: Uma Análise Histórica e Cultural

As décadas de 80 e 90 no Brasil foram caracterizadas por profundas transformações econômicas e sociais que escancararam a desigualdade social imposta às periferias urbanas. Nessa conjuntura, os Racionais MC's emergiram como uma voz de denúncia sobre a condição de existência da população periférica, expondo a árdua e difícil realidade enfrentada pelos moradores dessas áreas marginalizadas, sobretudo a partir da ausência do estado nesses territórios (com exceção da polícia).

A Polícia Militar, sob ordens do Estado, conduz diversas “operações” em comunidades periféricas com a justificativa de combater o tráfico de drogas. No entanto, essas ações não acabam com o tráfico, mas, frequentemente, com a vida de muitos inocentes que moram nessas áreas. Um exemplo marcante é a operação realizada na favela do Jacarezinho, na zona norte do Rio de Janeiro. A intervenção ocorreu em uma quarta-feira, no dia 6 de maio de 2021, quando a polícia entrou no local com o objetivo declarado de “eliminar” o tráfico, mas somente se retirou após tirar a vida de cerca de 29 pessoas — das quais, segundo a própria polícia, 24 eram civis. (G1, 2021)

Uma maneira fácil de evidenciar o conceito de periferias é utilizando o filme *Cidade de Deus* (2002) como referência.

O filme *Cidade de Deus* surgiu em 2002, foi realizado pelo cineasta Fernando Meirelles. O filme dividiu a crítica brasileira e conquistou o público (3,2 milhões de pessoas foram às salas de cinema). *Cidade de Deus* é também o livro de Paulo Lins, que foi editado em 1997, resultado de uma dissertação de mestrado. O livro é considerado pelo autor um romance, mas baseado em fatos reais. Acompanha o desenvolvimento da criminalidade em uma comunidade na Zona Oeste carioca nos anos 1960, e acompanha a escalada da violência naquele lugar. (DUTRA, . 2005)

Grande parte das periferias surgiu em circunstâncias semelhantes às retratadas no filme. Inicialmente, essas comunidades marginalizadas foram projetadas para abrigar famílias desapropriadas. Com o tempo, porém, pessoas desabrigadas por enchentes e incêndios foram realocadas para esses locais “temporariamente”, resultando no crescimento desordenado dessas áreas. O filme ilustra como o Estado tenta afastar a pobreza dos cartões postais da cidade, revelando a realidade de segregação e marginalização enfrentada por muitos. A negligência estatal criaram um ambiente propício para o surgimento e fortalecimento do crime organizado. A violência não só

se tornou uma forma de sobrevivência para muitos jovens, mas também um reflexo da desigualdade e da exclusão social crônica.

Outro aspecto crucial das periferias brasileiras é a luta cultural e identitária de seus moradores. Na ausência de espaços tradicionais de expressão cultural, a periferia encontrou em movimentos como o *hip hop* e o *funk*, formas de resistência e afirmação. Os Racionais MC's, com suas letras contundentes, tornaram-se porta-vozes de uma geração que se recusava a ser invisibilizada. A cultura de rua, através da música, da dança e do grafite, não só denuncia a opressão, mas também celebra a resiliência e a criatividade da juventude periférica, como visto na efervescência cultural retratada em *Cidade de Deus*.

O Estado, historicamente, tem tentado cercear o direito à cultura dos moradores das periferias, seja por meio de políticas de repressão ou da ausência de investimentos em espaços de lazer e arte nessas regiões. O controle excessivo e a criminalização de manifestações culturais, como bailes funk, rodas de rap e grafite, são exemplos claros de como o poder público busca silenciar vozes dissidentes e marginalizar expressões artísticas periféricas. Nesse sentido, estabelecendo um paralelo, a música *Nova Colônia* do MC Orochi retrata esse cenário, destacando como as autoridades tratam as periferias com desprezo, impondo barreiras para que os jovens não possam se expressar livremente, enquanto a violência do Estado segue presente no cotidiano. Essas tentativas de repressão, no entanto, não impedem que a juventude continue a se organizar e a resistir, encontrando na cultura de rua uma forma de reafirmar sua identidade e lutar por direitos, desafiando o controle imposto pelas instituições. (OROCHI, Flavio. 2020)

Segundo o artigo *Pobreza do Brasil: A evolução de longo prazo (1970-2011, p.3)* do Fórum Nacional (IETD), que analisou a pobreza entre 1970 e 2011, “para cada período, destacam-se os fatores determinantes do comportamento da pobreza, assim como mudanças estruturais capazes de afetar sua evolução nos períodos seguintes.” Essa dinâmica evidencia a evolução das periferias ao longo dos anos. **Desenvolver um pouco mais o que o artigo apresenta**

Como afirmou Mano Brown, em entrevista ao Podcast *10 & Faixa* do ex-jogador Diego Ribas: “O Brasil mudou e a mentalidade da periferia também mudou.” No início dos anos 80, as comunidades marginalizadas estavam focadas na busca por comida. Refletindo as demandas sociais das comunidades na época. Já na contemporaneidade, essa mudança é refletida na música “Comida” do grupo Titãs, faixa do álbum *2 é Demais* de 1997, composta por Arnaldo Antunes,

Sérgio Brito e Marcelo Fromer, em que a letra expressa uma nova demanda: “a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte.”

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), calculado a partir de fatores como educação, longevidade e renda, expõe as desigualdades entre classes sociais. Por exemplo, a comunidade da Rocinha, no Rio de Janeiro, tem um IDH de aproximadamente 0,733, semelhante ao do Tajiquistão, um dos países mais pobres da Ásia Central. Enquanto isso, o Bairro do Leblon, a apenas 7,2 km de distância, possui um IDH de 0,967, comparável ao de países como Noruega, Alemanha e Países Baixos (Holanda). Esses números destacam as disparidades de desenvolvimento dentro de uma mesma cidade.

A educação, ou a falta dela, é outro fator determinante nas periferias. Escolas públicas subfinanciadas e mal equipadas contribuem para um ciclo vicioso de pobreza e exclusão. Apesar disso, há inúmeras histórias de resistência e superação. Organizações comunitárias e ONGs têm desempenhado um papel vital na promoção da educação e na criação de oportunidades para os jovens. A diferença gritante entre os índices de escolaridade da Rocinha e do Leblon ilustra a necessidade urgente de políticas públicas que garantam uma educação de qualidade para todos, independente de sua origem socioeconômica.

Além disso, o acesso à saúde nas áreas marginalizadas também reflete as profundas desigualdades sociais no Brasil. A precariedade dos serviços de saúde pública, combinada com a insalubridade das condições de moradia, agrava os problemas de saúde das populações periféricas. A pandemia de COVID-19 expôs ainda mais essas vulnerabilidades, com as periferias sendo desproporcionalmente afetadas pela doença e suas consequências econômicas. A comparação entre o IDH da Rocinha e do Leblon não apenas evidencia a disparidade no acesso à educação e renda, mas também nas oportunidades de uma vida longa e saudável.

Segundo o artigo: *Serviço social e as Desigualdades sociais na saúde: desafios e dificuldades no acesso à política de saúde pública por pessoas vulnerabilizadas e marginalizadas:*

Desde as primeiras formas de saúde no Brasil, o grupo mais vulnerável e marginalizado da sociedade vem sendo excluído e superando desafios no acesso à saúde. Antes, seguido do modelo previdenciáriosó possuía acesso à saúde àqueles que contribuía com o INAMPS. Seguindo a lógica mercadológica, investia-se mais na promoção da saúde privada e negligenciava-se a saúde pública, deixando à margem aqueles que não possuía empregos e nem renda para se manter. (2023 p.135)

Assim, evidenciando as desigualdades que estruturam o sistema de saúde no Brasil, observa-se como o acesso à saúde foi historicamente limitado, privilegiando aqueles com vínculos formais de trabalho e deixando à margem os mais vulneráveis. A implementação de políticas públicas de saúde para todos só começou a ganhar força com a criação do SUS (Sistema Único de Saúde) na Constituição de 1988, que trouxe um modelo de atendimento universal. **Acho que seria importante falar brevemente o SUS**

Entretanto, a herança desse sistema excludente ainda impõe desafios significativos, uma vez que a falta de investimentos e as desigualdades regionais perpetuam dificuldades para que a saúde pública atenda com qualidade as demandas de toda a população, especialmente nas comunidades periféricas.

Durante os anos 90, a realidade das periferias brasileiras foi marcada por um cenário de calamitoso e vulnerabilidade, especialmente no que diz respeito à violência e às duras condições econômicas. Em meio a um período de crise e ajuste fiscal, os moradores dessas regiões marginalizadas, enfrentaram um cotidiano permeado pela falta de oportunidades e pela escassez de políticas públicas efetivas, o que intensificou a desigualdade social e o sentimento de abandono que o povo periférico tinha sobre o estado.

A crescente taxa de desemprego, que passou de 4% no início da década para 7,6% em 1998, segundo dados do IBGE (1999), contribuiu para o aumento da informalidade e das dificuldades financeiras nas periferias. Ao mesmo tempo, o Mapa da Violência documenta o aumento das taxas de homicídios, que saltaram de 16 para 26 homicídios por 100 mil habitantes entre 1990 e 1999 (um aumento de 72,2%), especialmente nas áreas periféricas, onde o tráfico de drogas e as disputas territoriais eram intensas. O índice de Gini do Brasil (usado para medir a desigualdade de renda de um grupo social), que permaneceu em torno de 0,60 durante essa década segundo o IPEA (1998), era um dos mais altos do mundo e indicava uma profunda concentração de renda, agravando o acesso desigual a serviços básicos e deixando a população periférica mais exposta à pobreza e exclusão social.

Além disso, o IBGE e o DataSUS mostram que, em 1991, apenas 62% das residências no Brasil tinham saneamento básico adequado, um problema que se refletia nas periferias urbanas e impactava diretamente a saúde e qualidade de vida dos moradores (IBGE, 1991; BRASIL, 1991).

Diante dessa realidade, percebe-se que os problemas enfrentados pelas periferias brasileiras ao longo dos anos 90 não foram apenas consequências de uma crise econômica e social, mas

também frutos de um histórico de negligência estatal e desigualdade estrutural. Apesar dos avanços significativos, como a criação do SUS e a implementação de políticas públicas focadas em saúde e inclusão, ainda há um longo caminho a ser percorrido para superar as desigualdades regionais e garantir o acesso equitativo a serviços básicos, como saúde e saneamento. É essencial que as políticas públicas não apenas considerem as demandas dessas comunidades, mas que também sejam construídas com a participação e a escuta ativa de seus moradores, pois só assim será possível construir um Brasil onde todos possam viver com dignidade e qualidade de vida.

### **1.1: “A FÚRIA NEGRA RESSUSCITA OUTRA VEZ” Raízes Negras e Resistência Social: A Evolução do *Hip Hop* no Brasil**

*Hip hop* é uma expressão cultural com raízes na diáspora africana que se espalhou pelo mundo devido à migração forçada de africanos durante um período ao longo da história. Seus primeiros passos foram dados no final dos anos 60 no bairro do Bronx em Nova York nos Estados Unidos da América (EUA), emergindo como uma forma de protestar contra a marginalização das comunidades afrodescendentes e latinas. O movimento hip hop não se limita apenas à música (rap), mas engloba também o *breakdance*, o grafite e o *DJing*, sendo um reflexo da identidade e da resistência social. O Hip Hop se tornou uma arma de expressão para os jovens de periferia, criando uma base para que os jovens pudessem contar suas histórias de opressão e resistência. Sua relação com a cultura afro-diaspórica é visível nas influências do jazz, soul, funk e R&B, gêneros de música negros que também têm raízes em experiências históricas de discriminação e resistência, suas histórias marcadas de opressão e resistência.

No Brasil, assim como nos Estados Unidos, a primeira aparição do Hip Hop foi com o *breakdance* os primeiros dançarinos de break de São Paulo e do Rio de Janeiro, tinham como objetivo diversão e a busca da autoestima, segundo Marcos Fochi (2007). A cultura hip hop se difunde e fortalece por meio do rap, que no Brasil tem como pioneiros o Thaíde e DJ Hum, já em grande escala o Racionais MC's. (FOCHI, 2007). A real alavancagem do movimento rap “realmente se destacou como gênero musical popular depois do lançamento independente do CD dos Racionais MC's, Sobrevivente no Inferno, em 1997. O disco, produzido pelo selo desse grupo, Cosa Nostra, vendeu mais de 1 milhão de cópias”. Sendo assim um verdadeiro marco a sua época.

Os Racionais MC's são um dos grupos mais icônicos e influentes do rap brasileiro, formados em 1988 na zona sul de São Paulo. O grupo é composto por Paulo Eduardo Salvador (Ice Blue),

Pedro Paulo Pereira Soares (Mano Brown), ambos moradores da zona sul da metrópole paulistana, seguido por Edivaldo Pereira Alves (Edi Rock) e o Kleber Geraldo Lelis Simões (KL Jay) oriundos da zona norte. Eles se destacaram por suas letras impactantes, que abordam temas como desigualdade social, racismo, violência policial e a realidade das periferias brasileiras. Detentores dos álbuns musicais marcantes entre eles: *Raio X do Brasil* de (1993), *Sobrevivendo no Inferno* de (1997) e *Nada como um Dia após o Outro Dia* de (2002).

O grupo é conhecido por suas letras marcantes, utilizando o letramento racial como sua principal arma. O letramento racial consiste na compreensão do racismo e de como ele está enraizado em nossa sociedade, influenciando as relações sociais. No entanto, para que o letramento racial seja possível, é necessário reconhecer a presença do racismo em nossa sociedade. A partir do momento em que entendemos que o Brasil é um país racista, buscamos maneiras de contornar esse racismo através do letramento racial. (MANDELA, 2022)

O letramento racial tem como principal função identificar o racismo, compreender como ele opera e de que forma podemos combatê-lo. Podemos enfrentá-lo através de estudos, que são fundamentais para o desenvolvimento do letramento racial. No entanto, sem uma atitude antirracista, o estudo pode se tornar mais uma arma para a ignorância. Ou seja, para que esse letramento seja realmente eficaz, precisamos de instrumentos teóricos como o álbum *Sobrevivendo no Inferno* e o documentário dos Racionais MC's, entendendo como funciona a dinâmica racial do país. (MANDELA, 2022)

Assim como o letramento racial, o conceito de intelectuais orgânicos está diretamente ligado aos Racionais MC's, que não apenas foram pioneiros nesse quesito no país, mas também proporcionaram uma nova visão de mundo aos oriundos que pertencem à mesma classe social.

Assim, ao longo da história, cada grupo social essencial que surge como expressão do desenvolvimento econômico anterior encontra categorias intelectuais preexistentes. Essas categorias representam uma continuidade histórica que persiste mesmo diante de mudanças sociais e políticas radicais. Uma delas é a dos eclesiásticos, que historicamente monopolizaram serviços importantes, como a ideologia religiosa, a filosofia, a ciência, a educação, a moral e a justiça. Eles estavam intimamente ligados à aristocracia fundiária, compartilhando o exercício da propriedade feudal da terra e os privilégios estatais associados a ela. (GRAMSCI, 1982) (PIRES, Guilherme & ANDREONI, Daniel. 2024. P4)

Entretanto, com o avanço do capitalismo e o surgimento da sociedade industrial, novas categorias de intelectuais orgânicos emergiram, vinculadas diretamente à classe trabalhadora e às camadas populares. Esses intelectuais, como os Racionais MC's, representam e articulam os

interesses e aspirações de suas comunidades, funcionando como uma ponte entre o conhecimento popular e o espaço público de discussão. Eles desafiam a hegemonia dos saberes tradicionais ao retratarem a realidade das periferias e denunciarem as desigualdades estruturais. Ao mesmo tempo, são responsáveis por gerar uma consciência crítica entre seus pares, promovendo o empoderamento e a valorização da identidade racial e de classe. Essa atuação subverte o papel dos intelectuais convencionais, pois os Racionais MC's, por meio de suas letras e de sua representatividade, se tornam símbolos de resistência e transformação social no Brasil contemporâneo.

## **1.2: Os Racionais MC's: Filosofia nas Rimas e Reflexões nas Ruas**

Tendo o letramento racial e o conceito de intelectuais orgânicos profundamente associados aos Racionais MC's, podemos questionar se os integrantes do grupo podem ser considerados artista-filósofo. Para isso, é fundamental compreender o significado do conceito do que e ser um artista-filósofo: “O artista-filósofo não é propriamente o sujeito expressivo das vivências ocasionais de sua existência, mas o sujeito apegado à terra, enraizado na própria vida e capaz de expressar sua própria interioridade na criação de novos valores e apresentá-los artisticamente.” (SILVA, 2011).

Deleuze e Guattari levantam uma questão importante quando penso sobre o MC, o DJ e em especial sobre o grupo Racionais Mc's. Primeiramente porque ao longo da pesquisa se tornou impossível separar artista de filósofo, para mim exerciam essa dupla função. Além disso, a pesquisa me mostrou que esses artistas-filósofos, não só invocavam um povo com todas as suas forças, mas faziam parte desse povo, compartilhavam de experiências e referenciais culturais e mais do que narrar vivências comuns buscavam questionar o status quo e agir para alternar situações de sofrimento e injustiças. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 3)

Em entrevista à revista Caros Amigos, Mano Brown expressa sua percepção da exclusão social e da injustiça enfrentada pelas comunidades periféricas, ressaltando a falta de interesse político e o desejo de setores poderosos como governantes, elite, polícia e parte da imprensa em atender às suas demandas ou mesmo garantir suas vidas. (FARIA. Pricila. 2017. P1)

A grande negligência da mídia em relação a Mano Brown e aos Racionais MC's pode ser observada pela maneira como a mídia contribuiu para a marginalização tanto deles quanto do movimento *hip hop* e rap em geral. A postura crítica do grupo, refletida nas letras que abordam

questões sociais e raciais, muitas vezes entra em confronto com os interesses da mídia tradicional. Isso resultou em um "voto de silêncio" por parte da mídia, que, ao não convidar os Racionais para participar de programas, ajudou a reforçar estigmas negativos, não apenas sobre o grupo, mas sobre o *hip hop* como um todo. O preconceito contra o gênero musical, muitas vezes associado à violência e à criminalidade, foi amplificado pela cobertura superficial e estereotipada dos meios de comunicação.

Embora a "guerra" com a mídia tenha impactado os Racionais MC's de forma significativa, hoje é claro que essa postura crítica não afetou sua popularidade e relevância entre o público. Ao contrário, os Racionais continuam sendo enaltecidos e respeitados, principalmente no contexto das periferias, onde sua mensagem de resistência e conscientização social tem grande ressonância. Em um exemplo recente de reconhecimento, a escola de samba Vai-Vai, uma das maiores campeãs do carnaval paulistano, celebrou os 40 anos do hip hop no Brasil durante o desfile de 2024, com a participação de Mano Brown e KL Jay. Isso reflete a importância cultural dos Racionais, que transcende as limitações impostas pela mídia tradicional e reforça o legado do grupo como uma das maiores expressões da cultura hip hop no país. (CNN, 2024)

Outro exemplo do reconhecimento contínuo dos Racionais MC's pela sociedade aconteceu em julho de 2015, quando, durante a visita do Papa Francisco a São Paulo, o então prefeito Fernando Haddad realizou uma votação para escolher um presente simbólico para o Papa. O presente mais votado foi o livro de mesmo nome do disco *Sobrevivendo no Inferno*, dos Racionais MC's, o que evidencia a importância do grupo e a relevância de sua obra na cultura brasileira. Este episódio reflete o impacto duradouro dos Racionais, que ultrapassa os limites da música e alcança o imaginário coletivo e cultural da sociedade. (G1, 2015)

## **CAPÍTULO 2: Consciência e Contradições: O Impacto do Sobrevivendo no Inferno**

“As únicas pessoas que realmente mudaram a história foram aquelas que transformaram o pensamento das pessoas sobre si mesmas.” Essa frase de Malcolm X evidencia o impacto dos Racionais MC's nas periferias brasileiras. O grupo foi uma poderosa mistura de ambição, identidade afrocentrada e resgate da autoestima, trazendo consciência e esperança para uma juventude muitas vezes esquecida. Assim como afirmou Mano Brown no documentário *Racionais: Das Ruas de São Paulo Pro Mundo*:

Tinha que unir duas coisas que tinham tudo a ver estarem juntas, mas estavam separadas. Que era o que? A parte do movimento negro organizado, dos negros que estudaram sabiam das coisas, mas não tinham acesso à juventude que não sabia. O Racionais tinha acesso a esses jovens. Aí, a coisa começou a acontecer (BROWN, 2022)

Os Racionais MC's representaram a união perfeita entre esses dois grupos, trazendo conceitos antirracistas em suas músicas, como o letramento racial. Contudo, não foi apenas o que trouxeram, mas como trouxeram: com a linguagem da periferia, muitas vezes denominada “informal”. Eles se tornaram a voz de quem não tinha voz, sendo pioneiros e inspiração para o movimento rap no Brasil. Quando a gente começou a ouvir Racionais, os pretos ficaram muito nervosos nas periferias. Foi um despertar, um chamado para a guerra, um 'presta atenção'." (Dexte, Netflix, 2022).

Como os próprios Racionais MC's afirmam, o disco *Sobrevivendo no Inferno* foi um verdadeiro fenômeno em sua época, com todas as faixas alcançando enorme sucesso. A intenção era clara: conquistar os jovens, e essa popularização se concretizou. Com letras que enriqueciam o letramento racial, o álbum não apenas dialogou com a periferia, mas também impulsionou o grupo a uma popularização em massa furando a bolha do rap. "Eu costumo dizer que o *Sobrevivendo* foi minha carta de alforria." (Ice Blue, Netflix, 2022).

Embora o álbum *Sobrevivendo no Inferno* tenha sido um fenômeno irrefutável na década de 1990, para Mano Brown ele não impactou quem realmente precisava ser alcançado. Segundo o rapper, o disco não chegou aonde deveria e, além disso, transmitiu uma energia negativa para o povo periférico. "O disco que mais afastou a gente da favela foi o *Sobrevivendo no Inferno*. O pessoal das faculdades que amou aquilo lá." (Brown, Netflix, 2022).

Tendo isso em mente, fica ainda mais evidente que nem sempre a música será compreendida em seu tempo, escancarando as tensões entre o sucesso comercial do álbum e suas conexões com as raízes da periferia. Esse contraste reflete a complexidade das narrativas dos Racionais MC's, que, enquanto intelectuais orgânicos, buscavam traduzir a realidade das ruas em um contexto mais

amplo, mas, ao mesmo tempo, enfrentaram desafios de se fazerem entender e serem verdadeiramente ouvidos por quem precisavam alcançar.

## **2.1: "Minha Palavra Vale um Tiro: Munição Poética nas Músicas dos Racionais"**

Três faixas foram escolhidas para analisar o letramento racial e o papel dos Racionais MC's enquanto intelectuais orgânicos, pois sintetizam o objetivo norteador deste trabalho. As músicas selecionadas são: *Capítulo 4, Versículo 3*; *Diário de um Detento* do álbum *Sobrevivendo no Inferno* (1997), e *Negro Drama*, do álbum *Nada Como um Dia Após o Outro Dia* (2002).

### **2.1.1: “Minha palavra vale um tiro e eu tenho muita munição”: Capítulo 4, Versículo 3**

Sem dúvidas, *Sobrevivendo no Inferno* é um marco cultural e social na história recente do Brasil, e a faixa *Capítulo 4, Versículo 3* foi fundamental para consolidar o impacto do álbum. Escrita por Edi Rock, Ice Blue e Mano Brown, a música retrata não apenas a situação vivida pelos negros na sociedade brasileira, mas também a perseguição policial e a exclusão social que enfrentam. “A moralidade dessa música é produzida e expressa na ressignificação de três ‘matrizes discursivas’: a teologia cristã, os códigos morais e éticos do ‘crime’ e uma estrutura social racializada assimetricamente” (TAKAHASHI, p. 02). Os versos iniciais, narrados por “Primo Preto”, escancaram essa realidade, reforçando a força narrativa e crítica da composição.

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial. A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras. Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros. A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo. Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente (Capítulo 4, Versículo 3, 1997)

Analisando esses dados atualmente, esperava-se uma melhora significativa após 27 anos do lançamento de *Sobrevivendo no Inferno*. No entanto, a realidade permanece desanimadora. De acordo com o portal *Medium*, a *BBC Brasil* e o *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*, os números ainda revelam um cenário alarmante:

1. Cerca de 60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial;

2. 76,2% das pessoas mortas pela polícia no Brasil são negras (pretos e pardos), em um recorte de oito anos (2014 a 2022). Isso significa que, de cada quatro pessoas mortas pela polícia, três continuam sendo negras;
3. Nas universidades, 47% dos alunos agora são negros, um dado que representa uma melhora significativa, fruto da implementação da Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012), aprovada em 2012, uma política recente, com menos de duas décadas de existência;
4. Por outro lado, a cada quatro horas, um jovem é morto de forma violenta, por intervenção policial, segundo uma pesquisa do G1 que abrange dados de oito estados brasileiros. (G1, 2022).

O trecho inicial de Capítulo 4, Versículo 3 tornou-se conhecido por seu forte discurso político e pela abordagem direta sobre o problema racial no Brasil. Em um tom desafiador e quase vilanesco, Mano Brown utiliza uma conotação violenta para expressar, de forma metafórica, a dureza de sua mensagem. A construção de um ambiente hostil e ríspido, repleto de referências à violência, armas e agressividade, revela os dilemas morais enfrentados por aqueles que vivem à margem da sociedade, expostos à vulnerabilidade social e à exclusão. No verso “Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição”, Brown utiliza uma metáfora poderosa para mostrar que a verdadeira arma não é apenas dele, mas de toda a periferia: o conhecimento, a informação e a experiência de vida. Essa frase sintetiza a força transformadora da palavra como instrumento de resistência e sobrevivência em um contexto de exclusão social e violência.

No trecho "Na queda ou na ascensão, minha atitude vai além e tem disposição pro mal e pro bem", Mano Brown reflete sobre sua postura firme e resiliente, independentemente do momento que esteja vivendo, seja de vitória ou de dificuldade. Ele destaca que sua atitude não é influenciada pelas circunstâncias imediatas, mantendo sua opinião e sua razão intactas. Essa disposição revela sua determinação em lutar pelas metas e pelos direitos da periferia e de seu povo, mesmo que isso signifique atuar em ambos os lados da batalha, assumindo o papel de herói ou vilão conforme necessário para alcançar a justiça e a transformação social.

A música, de forma geral, causa um impacto arrebatador, chocando e provocando espanto em seus ouvintes, como um verdadeiro "ataque cardíaco". A agressividade do álbum não se manifesta pela violência, mas pela busca pela paz e pela conscientização, tanto dos moradores da periferia quanto daqueles que observam de fora. Assim, o disco se torna um grito de resistência e

reflexão. Trinta e quatro anos após o histórico discurso "*I Have a Dream*" de Martin Luther King em Washington, a fúria negra ressurgiu com força, exigindo seus direitos como cidadãos. Essa referência é poderosa no verso "1997, depois de Cristo, a fúria negra ressuscita outra vez Racionais Capítulo 4 Versículo 3", reafirmando o papel do grupo como voz ativa na sociedade e na luta por igualdade e justiça.

A música *Capítulo 4, Versículo 3* é carregada de referências e escancara o funcionamento do sistema de forma racista, opressiva e desigual, alinhando-se ao conceito de necropolítica, em que o poder define quem vive e quem morre. Os Racionais expõem como essa estrutura privilegia poucos enquanto condena muitos à exclusão e à violência, provocando a revolta do povo como um inevitável "efeito colateral". A força dessa indignação através da música travessa as barreiras sociais, alcançando até a burguesia, como se o feitiço tivesse virado contra o feiticeiro, ao confrontar quem sempre esteve no controle com as consequências de sua própria opressão.

### **2.1.2: “O Robocop do governo é frio, não sente pena, só ódio e rir como uma hiena”: Diário de um Detento**

O álbum *Sobrevivendo no Inferno* dos Racionais MC's carrega um peso histórico, cultural e contextual que o torna uma obra de referência na música brasileira. Esse impacto é evidenciado por canções como *Capítulo 4, Versículo 3* e, principalmente, *Diário de um Detento*, que aborda o massacre do Carandiru, ocorrido em 1992. Nesse episódio, no extinto presídio localizado na zona norte de São Paulo, policiais militares entraram para conter uma rebelião e, ao invés disso, resultaram na morte de mais de 100 detentos e na tortura de vários outros.

A música também traz referências a outros episódios trágicos que marcaram a violência policial e as injustiças sociais no Brasil, como a chacina da Candelária (1993) e a chacina de Vigário Geral (1993), ambas ocorridas no Rio de Janeiro, nas zonas central e norte, respectivamente.

Escrita por Mano Brown e Josemir Prado, um ex-detento sobrevivente do massacre do Carandiru, *Diário de um Detento* transcendeu seu tempo. A canção não só expôs a brutalidade estatal e as condições desumanas do sistema carcerário brasileiro, mas também se consolidou como um marco histórico e cultural, ampliando discussões sobre desigualdade, violência e exclusão social no país.

Mano Brown, ao falar sobre as chacinas mencionadas em *Diário de um Detento*, nos lembra de como a história recente do Brasil está marcada por episódios de violência extrema “Mais uma parte da história do Brasil que foi escrita recentemente. Como aconteceu em Vigário, como aconteceu na Candelária, e em São Paulo acontece de monte também. Mais uma parte da história do Brasil que foi escrita com sangue.” (Brown, Netflix, 2022).

Brown, com suas palavras, nos alerta para um ciclo constante de violência que marca a história recente do Brasil, onde o sangue derramado não é apenas um reflexo das tragédias individuais, mas a expressão de um sistema que oprime e extermina as vidas das populações marginalizadas. Episódios como os de Vigário, Candelária e tantos outros em São Paulo não são isolados, mas sim capítulos de uma narrativa cruel, onde a repressão se torna uma prática cotidiana e recorrente, as vítimas são sempre as mesmas. Esses eventos, indignação, fazem parte de um ciclo vicioso que se repete ao longo dos anos, reescrevendo a história do Brasil com marcas de sangue, sofrimento e resistência.

Quando *Diário de um Detento* “estourou”, o massacre do Carandiru era uma daquelas tragédias que o Brasil se esforçava para ignorar. Contudo, um país que insiste em ignorar fatos tão graves acaba se tornando ignorante. Essa ignorância, porém, não está disponível para todos. Os integrantes dos Racionais MC’s, assim como muitas pessoas marginalizadas, não tiveram o luxo de ignorar essa realidade. E, se não é possível ignorar, o melhor é confrontar.

Se dependêssemos apenas das fontes oficiais, o massacre do Carandiru já estaria completamente esquecido afinal, até mesmo o prédio que testemunhou essa barbárie já não existe fisicamente. Mas graças à música *Diário de um Detento* e ao *Caderno de Memórias de Josemir Prado*, a história não pode ser apagada. Essas obras garantem que o massacre do Carandiru permaneça vivo na memória coletiva.

Traficantes, homicidas, estelionatários, uma maioria de moleque primário. Era a brecha que o sistema queria: avise o IML, chegou o grande dia. Depende do sim ou não de um só homem, que prefere ser neutro pelo telefone. Ratatatá, caviar e champanhe. Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe. Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo. Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio. O ser humano é descartável no Brasil, como modess usado ou Bombril. (*Diário de um Detento*, 1997)

Esses versos da música, são uma denúncia contundente e poética sobre a desumanização dos presos e o desprezo pela vida nas periferias brasileiras. Mano Brown retrata a realidade brutal

do sistema carcerário e da violência estatal, apontando como as decisões políticas e institucionais contribuem para o massacre de vidas marginalizadas.

A referência ao delegado Fleury, conhecido por seu histórico de violência durante a ditadura militar, reforça a crítica à impunidade e ao elitismo no Brasil, onde decisões são tomadas à distância, sem consideração pelo sofrimento humano. A metáfora final, comparando a vida humana a objetos descartáveis como um absorvente íntimo feminino ou uma esponja de aço Bombril, sintetiza o descaso sistemático pelas classes menos favorecidas, evidenciando a barbárie e a injustiça que permeiam a sociedade.

Vale destacar que os dados sobre a violência no massacre do Carandiru foram ocultados do público no dia do ocorrido, sendo revelados apenas um dia depois, por coincidir com as eleições municipais. Até poucas horas antes do fechamento das urnas, a imprensa divulgava apenas 8 mortes. Somente mais tarde, o secretário de segurança admitiu que 111 detentos haviam sido mortos. Essa tentativa de minimizar a dimensão da tragédia levou o governo de São Paulo a ser acusado de esconder informações para não prejudicar o desempenho eleitoral (Varella, 2023).

Com sua narrativa visceral e poética, *Diário de um Detento* não apenas transcende as barreiras do rap como gênero musical, mas também se afirma como um manifesto social e cultural de impacto imensurável. A música desmistifica a ideia de reabilitação oferecida pelo sistema prisional, evidenciando a brutalidade, a desigualdade e a ausência de humanidade que imperam nesses espaços. Ao expor as falácias da ressocialização, a letra se torna um poderoso testemunho da vivência prisional, ecoando as dores e os dilemas existenciais dos que sobrevivem à margem da sociedade. Assim, a obra ressoa como um grito de resistência e denúncia, imortalizando a realidade carcerária brasileira em sua forma mais crua e comovente.

### **2.1.3: “A alma guarda o que a mente tenta esquecer”:** *Negro drama*

Lançada em 2002 no álbum *Nada Como Um Dia Após o Outro Dia*, *Negro Drama* é considerada um dos maiores expoentes do rap nacional, tornando-se um verdadeiro hino de resistência negra. Escrita por Edi Rock e Mano Brown, a música narra as vivências e desafios enfrentados pelos autores, desde a infância marcada por dificuldades até a conquista da fama.

Repleta de letramento racial, a obra aborda questões cruciais como racismo, violência, pobreza, marginalização, esperança e resiliência. Além disso, *Negro Drama* traz referências

históricas e culturais profundas, mencionando a escravidão, a ditadura militar, o movimento negro, e homenageando a riqueza cultural de expressões como o samba, o funk e o hip-hop.

A expressão “Negro Drama” apresenta uma ambiguidade interessante, sendo cantada em alguns momentos como “Nego Drama” e, em outros, como “Negro Drama”. No início da música, a expressão “Nego Drama” é utilizada para personificar um personagem, descrito como alguém de “cabelo crespo e pele escura”. Já ao longo da música, a ênfase recai sobre “Negro Drama”, que simboliza o próprio drama vivido pela população negra no Brasil, marcado por racismo, marginalização e desigualdade. (LOBANDOLERO, 2023)

Essa dualidade se torna ainda mais evidente no final da canção, quando Mano Brown alterna entre as duas expressões, destacando a conexão entre o indivíduo e a coletividade. Dessa forma, a música articula tanto a vivência pessoal quanto a dimensão histórica e social do "drama negro", ampliando seu impacto como uma poderosa crítica social.

Desde o início, por ouro e prata, olha quem morre; então veja você quem mata. Recebe o mérito a farda que pratica o mal. Me ver pobre, preso ou morto já é cultural. Histórias, registros e escritos não são conto, nem fábula, lenda ou mito. Não foi sempre dito que preto não tem vez? Então, olha o castelo; e não foi você quem fez, cuzão. (Negro Drama, 2002)

Os versos iniciais de *Negro Drama* escancaram a intensidade e denúncia, trazendo à tona a realidade histórica e social vivida pela população negra no Brasil. Desde o início, as linhas “Por ouro e prata, olha quem morre, então, veja você quem mata” apontam para a exploração e violência sistemática que acompanham a história da escravidão e seus desdobramentos. No verso seguinte, a crítica à impunidade é explícita: “Recebe o mérito a farda que pratica o mal”, evidenciando como o racismo institucionalizado perpetua a violência policial e reforça as estruturas de opressão oriundas de um sistema escravocrata. O tom incisivo se aprofunda na constatação de que a marginalização de corpos negros, representada pelo “me ver pobre, preso ou morto já é cultural” é uma construção histórica, alimentada por registros que não reconhecem a humanidade do povo negro.

"Não foi sempre dito que preto não tem vez?" expõe o discurso excludente enraizado na sociedade, contrastado pela afirmação final: “Então olha o castelo e não, foi você quem fez, cuzão”. Aqui, Edi Rock reivindica a contribuição negra na construção do país, enquanto aponta para o apagamento dessa história e o privilégio de quem ocupa os espaços de poder.

“Hei, São Paulo, terra de arranha-céu; a garoa rasga a carne, é a Torre de Babel”, Brown faz uma referência metafórica à cidade de São Paulo como uma Torre de Babel. Assim como na narrativa bíblica, onde a torre foi construída pelos humanos em uma tentativa de alcançar Deus, resultando em sua punição com a dispersão de línguas, São Paulo é retratada como um epicentro do Brasil, para onde convergem pessoas de diferentes origens, culturas e sotaques em busca de uma vida melhor. A comparação destaca a pluralidade e o caos da cidade, que, apesar de acolher a diversidade, também é palco de desigualdades e desafios que refletem as tensões sociais do país.

*Negro Drama*, assim como os Racionais MC's, é um marco cultural na história brasileira. Com sua narrativa intensa e realista, a canção se apresenta como um retrato poderoso das desigualdades sociais no Brasil e um símbolo na valorização da luta e da identidade negra. O letramento racial presente nas letras não apenas denuncia as injustiças vividas pela população negra, mas também resgata sua história, reivindica seu espaço e fortalece sua voz. Dessa forma, a música transcende o âmbito artístico, tornando-se um instrumento de conscientização, resistência e transformação social

## 5. CONCLUSÃO

A análise do álbum *Sobrevivendo no Inferno* e da contribuição dos Racionais MC's como intelectuais orgânicos, ou seja vozes emergentes, evidencia a centralidade do grupo na construção de uma narrativa crítica e transformadora sobre as desigualdades sociais e raciais no Brasil. Ao adotar o papel de intelectuais orgânicos, termo proposto por Antonio Gramsci, os Racionais não apenas refletem sobre as condições da periferia, mas atuam como agentes que, por meio de sua arte, comunicam e transformam as realidades daqueles que vivem à margem da sociedade. Suas letras, ao denunciam o racismo estrutural e a marginalização social, se tornam um instrumento de conscientização, operando como um elo entre a teoria e a prática, entre a academia e as ruas, um processo que evidencia o poder de sua voz como intelectuais da classe subordinada.

O conceito de letramento racial, que se configura como uma ferramenta de resistência, é claramente demonstrado nas músicas *Capítulo 4 Versículo 3*, *Diário de um Detento* e *Negro Drama*. Essas obras não são apenas um reflexo das dificuldades enfrentadas pela população negra, mas um meio de educar e empoderar aqueles que ouvem. O letramento racial, enquanto prática de reconhecimento e desconstrução das narrativas dominantes sobre a identidade negra, é, assim, um dos pilares fundamentais no trabalho dos Racionais. Eles não se limitam a contar histórias de sofrimento, mas propõem uma reflexão profunda sobre o processo de formação da identidade negra e a luta pela dignidade. A forma de uma linguagem "informal", com gírias e dialetos da periferia, facilita o entendimento das mensagens nas músicas, criando uma conexão imediata com o público e tornando as letras acessíveis e impactantes. Essa abordagem reforça a autenticidade das vivências do grupo e amplia a compreensão das suas mensagens.

Ao abordar temas como violência policial, pobreza extrema e resistência à opressão, o álbum *Sobrevivendo no Inferno* se coloca como uma resposta contundente às estruturas de poder que perpetuam a exclusão social e racial. Através do rap, o grupo fortalece o sentido de pertencimento e identidade dentro da comunidade negra, destacando a importância de resistir a essas forças, tanto por meio da expressão cultural quanto por ações concretas. A música torna-se, portanto, uma ferramenta de letramento político e social, ajudando a moldar uma geração mais crítica e consciente de seu papel na luta por justiça e igualdade.

*Sobrevivendo no Inferno* não é apenas um marco na música brasileira, mas uma obra que transcende os limites da música popular para se tornar um verdadeiro manifesto político. Ao

empregar o letramento racial, os Racionais MC's não só oferecem um retrato da marginalização, mas também abrem um caminho para a reflexão e mobilização das massas. Essa obra permanece relevante, não apenas como um produto cultural de sua época, mas como uma contínua denúncia das desigualdades sociais e raciais que, infelizmente, ainda persistem. Assim, o trabalho dos Racionais vai além do campo da música, consolidando-se como uma contribuição imprescindível para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Anne Caroline Pereira. Serviço social e as desigualdades sociais na saúde: desafios e dificuldades no acesso à política de saúde pública por pessoas vulnerabilizadas e marginalizadas. Trabalho apresentado no Seminário.

BBC News Brasil. *Operação policial no Jacarezinho: o que se sabe sobre a mais letal da história do Rio de Janeiro*. BBC News Brasil, 24 maio 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57208131>. Acesso em: 14 nov. 2024.

BRÊDA, Lucas. *Entenda como os Racionais fizeram de 'Sobrevivendo no Inferno' um marco cultural*. Entrevista: Folha de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/08/entenda-como-os-rationais-fizeram-de-sobrevivendo-no-inferno-um-marco>. Acesso em: 12 de Maio de 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Sistema de Informações de Mortalidade – DataSUS*. Brasília, DF, 1991. Disponível em: <http://datasus.saude.gov.br/>. Acesso em: 13 nov. 2024.

DRAUZIO VARELLA. *Massacre do Carandiru: O que aconteceu horas antes da rebelião*. YouTube, Disponível em: [https://youtu.be/9E8BpLo1D7g?si=Dr0zh\\_V8zW7FsAej](https://youtu.be/9E8BpLo1D7g?si=Dr0zh_V8zW7FsAej) Acesso em: 20 nov. 2024

FARIA, Pricilla Prado. Racionais MC's e Paulo Freire: um diálogo sobre educação na São Paulo dos anos 90. Resumo de dissertação apresentado no Seminário Nacional da ANPUH, 2018.

FERRERI, Fernando Meirelles; LIMA, Kátia. Cidade de Deus. 2002. Brasil: O2 Filmes.

FIALHO, P. *Hip hop: Conceito e história*. Disponível em: [https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Fialho-Hip\\_Hop-conceito\\_e\\_historia.pdf](https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Fialho-Hip_Hop-conceito_e_historia.pdf). Acesso em: 13 nov. 2024.

FOCHI, Marcos. *Hip hop brasileiro: Tibro urbana ou movimento social?* Disponível em: [https://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia\\_artigos/hip\\_hop.pdf](https://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/hip_hop.pdf). Acesso em: 13 nov. 2024.

G1. *Operação Jacarezinho*: relatos de moradores descrevem desespero e medo. G1, Rio de Janeiro, 6 maio 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/06/operacao-jacarezinho-relato-moradores.ghtml>. Acesso em: 14 nov. 2024

G1. *Consciência Negra*: o que mudou na vida dos negros 21 anos após música clássica dos Racionais MC's. 20 nov. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2018/11/20/consciencia-negra-o-que-mudou-na-vida-dos-negros-21-anos-apos-musica-classica-dos-rationais-mcs.ghtml>. Acesso em: 20 nov. 2024

G1. *Disco dos Racionais é presente da Prefeitura de São Paulo para o Papa*. 10 jul. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/07/disco-dos-rationais-e-presente-da-prefeitura-de-sao-paulo-para-o-papa.html>. Acesso em: 20 nov. 2024.

História da Saúde no Brasil. Organização Luiz Antonio Teixeira, Tânia Salgado Pimenta, Gilberto Hochman. – 1. ed. – São Paulo : Hucitec, 2018.

IBGE. *Censo Demográfico 1991*. Rio de Janeiro, 1991. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 13 nov. 2024.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)*. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 08 nov. 2024.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. *Atlas da Violência*. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>. Acesso em: 13 nov. 2024.

IPEA. *Desigualdade no Brasil*: séries históricas do índice de Gini. Brasília, DF, 1998. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/>. Acesso em: 13 nov. 2024.

HENRIQUE, Hector Babenco. Carandiru. 2003. Brasil: O2 Filmes.

MANDELA, Luiza. *O que é letramento racial?* YouTube, 2022. Disponível em: [https://youtu.be/ECs\\_In-b0zY?si=SMinCUu14uF9euwd](https://youtu.be/ECs_In-b0zY?si=SMinCUu14uF9euwd). Acesso em: 14 nov. 2024.

NETFLIX. *Racionais*: das ruas de São Paulo pro mundo. Direção: Juliana Vicente. Produção: Preta Portê Filmes. São Paulo: Netflix, 2022. Documentário (116 min.). Disponível em: <https://www.netflix.com>. Acesso em: 10 nov. 2024

MARTINS, Maria Clara. *Sobrevivendo no inferno*: Resistência como conceito e reivindicação na obra do Racionais Mc's 1990-1997. Revista Canteira - Edição 29/julho 2018.

MORCERF, Cely Carolyne Pontes; AMORIM, Lucas Silva de; MARQUES, João Mazzoncini de Azevedo. *Dilemas éticos no atendimento médico a mulheres em situação de vulnerabilidade social*: ampliando o debate sobre populações marginalizadas na educação. Lumen et Virtus, São José dos Pinhais, v. XV, n. XLI, p. 6261-6272, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.56238/levv15n41-097>.

PCRJ-IPP/ IUPERJ/ IPEA. *Desenvolvimento Humano e Condições de Vida*. Rio de Janeiro. s.n., 2004.

RACIONAIS MC'S. Negro Drama - Racionais MC's (Vídeo Oficial). 2024. Disponível em: <https://youtu.be/6UPwfgcsKXM?si=EpaaJOqqigZwbEBy>. Acesso em: 28 nov. 2024.

RACIONAIS MC'S. *Sobrevivendo no Inferno*, 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, 144 p.

RACIONAIS MC'S. *Sobrevivendo no Inferno*, disco: 1997.

RACIONAIS MC'S. *Nada como um Dia após o Outro Dia*. 2002

RESENDE, Lino Geraldo. *Intelectuais orgânicos e contra-hegemonia*. Revista Ágora, Vitória, n. 4, p. 1-17, 2006.

RIBAS, Diego. 10 e Faixa YouTube. 2024. Disponível em: <https://youtu.be/FCWKDHYIvok?si=W0TXoLp8yvSTrM0C>. Acesso em: 28 nov. 2024.

SANTOS, Ozeias dos Anjos. “*Vim pra sabotar o seu raciocínio*”: uma análise interseccional acerca da intelectualidade a partir da entrevista “Mano Brown no Roda Viva” (2007). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2023.

SENADO FEDERAL. Notícia. No Rio de Janeiro, a maior avaliação da qualidade da água foi feita em Copacabana (0,992) e Ipanema (0,937). Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/504659/noticia.html#sequence=1#:~:text=No%20Rio%20de%20Janeiro%2C%20a,%20e%20Ipanema%20\(0%2C937\)](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/504659/noticia.html#sequence=1#:~:text=No%20Rio%20de%20Janeiro%2C%20a,%20e%20Ipanema%20(0%2C937)). Acesso em: 13 nov. 2024.

SILVA, Fernanda Maurício. O Roda Viva e as estratégias de construção de um debate público. In: GOMES, Itania Maria Mota. (org.). *Gênero televisivo e modos de endereçamento no telejornalismo*. Salvador: EDUFBA, 2011. P. 49-74. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/9wgnc/pdf/gomes-9788523211998.pdf>. Acesso em: 31/10/2024.

SILVA, José. Intelectual orgânico: organizador, educador e dirigente político. Revista PLURAIIS – Virtual, 2011.

TAKAHASHI, Henrique Yagui. Capítulo 4, versículo 3: a teologia dos Racionais MC's. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 3, Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: [https://www.google.com/urlsa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://iiiseminarioppgsufscar.wordpress.com/wpcontent/uploads/2012/04/takahashi\\_henrique.pdf&ved=2ahUKEwjdkdyDvoKKAxUaALkGHbFELXwQFnoECB0QAQ&usg=AOvVaw0iZGBhdAox1cZTAZ1PbgaJ](https://www.google.com/urlsa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://iiiseminarioppgsufscar.wordpress.com/wpcontent/uploads/2012/04/takahashi_henrique.pdf&ved=2ahUKEwjdkdyDvoKKAxUaALkGHbFELXwQFnoECB0QAQ&usg=AOvVaw0iZGBhdAox1cZTAZ1PbgaJ) . Acesso em: 29 nov. 2024.

TITÃS. *2 é Demais*, disco: 1997.

TOLEDO, Luiz Carlos; SILVA, Jonathas Magalhães P.; TÂNGARI, Vera Regina. Derrubando os muros: planejamento participativo e integração social na comunidade da Rocinha no Rio de Janeiro. Acesso em: 13 nov. 2024.